

A valorização da literatura a partir de uma nova ordem científica *

DIEGO MACHADO OZELAME**

JOSIELE KAMINSKI CORSO OZELAME***

Resumo: Partindo de uma perspectiva teórica reflexiva, o objetivo deste artigo é traçar um paralelo entre o paradigma de ordem científica hegemônico e a literatura como estudo humanístico. Apresentar os motivos pelos quais o paradigma dominante da ciência conduziu à desvalorização da literatura e como as novas concepções epistemológicas de uma nova ordem científica podem contribuir para a valorização dessa área. A partir desta análise, e com base nos autores que consultamos, podemos afirmar que, embora ainda nos encontremos sobre a jurisdição de um paradigma que prioriza um conhecimento totalitário e autoritário negando outras formas de conhecimento que não se pautam pelos seus métodos epistemológicos e metodológicos, uma nova ordem científica se manifesta no campo teórico e epistemológico valorizando todas as formas de conhecimento, constituindo e reconhecendo a importância das humanidades, neste caso a literatura, como forma de conhecimento que auxilia na compreensão do sentido da vida.

Palavras-chave: Ciência; Paradigma hegemônico; Interdisciplinaridade.

Abstract: From a theoretical perspective reflective, the purpose of this article is to draw a parallel between the hegemonic paradigm of scientific and literature as humanistic study. Presenting the reasons why the dominant paradigm of science led to the devaluation of literature and how the new epistemological concepts of a new scientific order may contribute to the development of this area. From this analysis and based on the authors we consulted, we can say that, although we meet on the jurisdiction of a paradigm that prioritizes a totalitarian and authoritarian knowledge denying other forms of knowledge that are not guided by their epistemological and methodological methods, new scientific order is manifested in the theoretical and epistemological field valuing all forms of knowledge, representing and recognizing the importance of the humanities, in this case literature, that helps in understanding the meaning of life.

Key words: Science; hegemonic paradigm; interdisciplinarity.

* Artigo publicado no V Seminário Interdisciplinar em Experiências Educativas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão/PR.



** **DIEGO MACHADO OZELAME** é Doutorando em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina- UEL, Paraná.



*** **JOSIELE KAMINSKI CORSO OZELAME** é Professora doutora do PPG Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus Foz do Iguaçu.

Introdução

Embora estejamos cronologicamente no século XXI, podemos dizer que este ainda não começou. Se olharmos a nossa volta verificaremos que os grandes cientistas que balizam os campos teóricos que ainda nos movem são do século XVIII e início do século XX. Sendo assim, seguimos regidos por uma epistemologia justificada na visão da física clássica, que, por sua vez, percebe a realidade visível e estável, previsível e passível apenas da racionalidade como método para construção do conhecimento, valorizando a homogeneidade diante da singularidade, da objetividade sobre a intersubjetividade e da uniformidade diante das diferenças. Sendo que a epistemologia do conhecimento é determinada pela ciência, esta é disseminada em nossa sociedade por meio da educação, na forma de ensino, nas universidades e escolas. A desvalorização desses conhecimentos trazem consequências na medida em que o caráter racional nega todas as formas de conhecimento que não pautam pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. Assim, muitas vezes, assistimos ao desprezo pelos conhecimentos sociológicos e humanísticos no ensino (SANTOS, 1988; MORIN, 2011, 2013).

O objetivo deste artigo é traçar um paralelo entre o paradigma de ordem científica hegemônico e os estudos humanísticos, a literatura. Na fundamentação teórica apresentamos evidências, às quais o paradigma dominante da ciência conduziu à desvalorização da literatura e como as novas concepções epistemológicas podem retroceder este cenário. Para sustentar nossa discussão recorreremos a teóricos da área do ensino de ciências, sociologia e literatura.

Fundamentação teórica

Caracterização da ordem científica hegemônica

O modelo de racionalidade que preside a ciência moderna foi instituído na revolução científica do século XVI, sendo desenvolvida ao longo dos últimos séculos fundamentalmente na busca do domínio das ciências naturais. Apesar de pequenos indícios no século XVIII, somente no século XIX que este modelo de racionalidade se estendeu às ciências sociais emergentes (SANTOS, 1988). A partir disso, podemos observar um conhecimento que se desenvolve apenas dentro de sua dinâmica interna, rejeitando veemente outras formas de conhecimento, como o senso comum e os estudos humanísticos.

A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não-científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos) (SANTOS, 1988, p. 48).

De acordo com o autor, este modelo se apresenta de uma forma totalitária e autoritária, na medida em que nega todas as outras formas de conhecimento que não se pautam pelos seus métodos epistemológicos e metodológicos. A partir dessa visão de mundo somos conduzidos a distinções fundamentais, entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum, entre a natureza e a pessoa humana, por outro. O senso comum vem carregado de negatividade, pois sua caracterização é definida a partir da ciência.

Para Morin (2011), vivemos sob o império dos princípios de disjunção, de redução e abstração, cujo conjunto constitui o que podemos chamar de paradigma da simplificação. Essa concepção teve origem no pensamento de Descartes, que formulou o paradigma basilar do Ocidente quando separou o sujeito pensante (*ego cogitans*) e a coisa material (*res extensa*), desassociando filosofia e ciência, inserindo, como princípio de verdade, o pensamento disjuntivo.

Pode-se diagnosticar, na história ocidental, a hegemonia de um paradigma formulado por Descartes. Descartes separou de um lado o campo do sujeito, reservado à filosofia, à meditação interior, de outro lado o campo do objeto em sua extensão, campo do conhecimento científico, da mensuração e da precisão (MORIN, 2011, p.76).

O conhecimento científico e a filosofia se tornaram áreas cada vez menos comunicáveis, tirando a possibilidade da ciência de conhecer a si própria através das reflexões filosóficas. Essa disjunção acabou por isolar radicalmente os campos do conhecimento científico em três: a física, a biologia e a ciência do homem. Em decorrência destas, iniciou-se outra forma de simplificação, a redução do complexo ao simples, do biológico ao físico e do humano ao biológico. Esta atitude deu início às especializações, que fragmentam a complexidade das realidades acreditando que o fragmento do real era o próprio real. Assim, o conhecimento científico clássico tinha como ideologia descobrir, por meio da simplificação da complexidade, uma ordem perfeita para os objetos e sistemas. Este modelo de conhecimento é essencialmente operacionalizado na medida e no cálculo, desintegrando os seres, levando em consideração, como únicas realidades, as equações e fórmulas

quantificadas, sendo incapaz de contemplar a conjunção da unidade e da diversidade. Dessa forma, chegamos a um modelo de inteligência que aniquila os conjuntos e as totalidades, afasta todos os objetos do seu meio ambiente, tornando as realidades desintegradas. Os problemas humanos são entregues aos especialistas mutiladores, que monopolizam as ideias, como possuidores da chave da verdade, tornando as pessoas reféns deste cientificismo limitado (MORIN, 2011; SANTOS, 2005; DEMO, 2011).

Os sinais dessa crise

Estudos recentes das leis da física apresentam uma transformação em nossa maneira de descrever a natureza. A ciência clássica trabalha em benefício da ordem e da estabilidade, contudo, os níveis atuais de observação apontam para o papel primordial das flutuações e da instabilidade (PRIGOGINE, 2011). Princípios de caos e de incertezas invadem todos os campos das ciências, afetando a visão defendida por muito tempo, com base nas leis da física tradicional, que unia a concepção de conhecimento com a busca pela certeza.

Na teoria de Prigogine, na sinérgica de Haken, no conceito de hiperciclo e na teoria da origem da vida de Eigen, no conceito de autopoiesis de Maturana e Varela, na teoria das catástrofes de Thorn, na teoria da evolução de Jantsch, na teoria da "ordem implicada" de David Bohm ou na teoria da matriz-S de Geoffrey Chew e na filosofia do "bootstrap" que lhe subjaz (SANTOS, 1988, p. 56-57).

A partir deste movimento científico observamos a emergência de uma profunda reflexão epistemológica sobre o conhecimento, sintonizada com as exigências dos novos tempos sendo propícia a revisão de seus procedimentos. Para Santos (2010), a

crise do paradigma dominante começou pela observação e aprofundamento do próprio conhecimento científico, permitindo ver a fragilidade de suas bases. A nova relação entre ciência e senso comum passou a ser pautada na comunhão entre elas.

Teorias atuais das ciências que levam em consideração princípios de incerteza e instabilidade causam divergências aos princípios da física clássica. As demonstrações de Heisenberg e Bohr evidenciam que não é possível medir um objeto sem interferir nele, sem alterá-lo, a tal ponto que o objeto que sai de processo de medição não é o mesmo que lá entrou. Assim, de acordo com o princípio de incerteza de Heisenberg não conhecemos o real sem interferir nele (SANTOS, 1988). Em comentário às novas descobertas da física, o Prêmio Nobel de Química de 1997 faz suas considerações:

Essa física tradicional unia conhecimento completo e certeza: desde que fossem condições iniciais e apropriadas, elas garantiam a previsibilidade do futuro e a possibilidade de retrodizer o passado. Desde que a instabilidade é incorporada, a significação das leis da natureza ganha um novo sentido. Doravante, elas exprimem possibilidades (PRIGOGINE, 2011, p.12).

As novas descobertas trazem à baila as questões humanísticas e sociológicas, o reconhecimento da análise das condições sociais, dos contextos culturais que passaram a ter importância nas reflexões epistemológicas das ciências (SANTOS, 1988). Os fatos observados não estão mais aprisionados ao isolamento como a ciência clássica os sujeitava. Os objetos passam a ter as fronteiras reduzidas, são constituídos por teias complexas de relações, a tal ponto que essas relações são mais reais que o objeto em si. A prática científica não se pauta mais no produzir e no

ensinar, mas busca emancipação social e cultural, sucedendo o cotidiano da vida (CAPRA, 2006; SANTOS, 1988, 1989; MORIN, 2011, 2013).

A época em que vivemos pode ser considerada um período de transição entre o modelo de racionalidade, que preside a ciência moderna desde o século XVI e os estudos recentes, os quais trazem consigo o perfil do paradigma emergente. A seguir apresentamos este perfil.

Uma nova ordem científica

Em virtude do que foi mencionado, podemos observar que a emergência de uma nova ordem científica é uma necessidade imprescindível, uma vez que as novas descobertas rompem com os conceitos da visão determinista. A hipótese do determinismo mecanicista é inviabilizada, uma vez que a totalidade do real não se reduz à soma das partes em que a dividimos para observar e medir. A demonstração da interferência do sujeito no objeto observado limita o rigor do nosso conhecimento a aspirar somente resultados aproximados, tornando as leis da física somente probabilidades.

Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente (SANTOS, 1988, p. 56).

As novas concepções não compartilham com as que herdamos da física clássica, surgindo a necessidade de formular uma nova ordem científica com novos princípios. Estes trazem a necessidade de uma visão integradora, superando as fragmentações, onde os produtos e os efeitos são simultaneamente produto e

produtor, desconstruindo a concepção da linearidade em ordem de ciclos, como o de causa/efeito, produto/produtor (MORIN, 2013; DEMO, 2011). Pela natureza dos elementos do novo paradigma, este permite ser científico e também social.

O conhecimento do paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até há pouco considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/ cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa (SANTOS, 1988, p. 61).

Sabemos hoje que a ciência produz conhecimento e desconhecimentos, que nos ensina pouco sobre a nossa maneira de estar no mundo. Pelo contrário, a ciência pós-moderna sabe que o conhecimento racional somente se faz racional se se configurar de todas as formas de conhecimento. Posicionamentos são revistos. A ciência moderna construiu-se contra o senso comum que considerava superficial, ilusório e falso. A nova ordem científica reconhece nesta forma de conhecimento suas qualidades para nossa relação com o mundo.

O senso comum faz coincidir causa e intenção; subjaz-lhe uma visão do mundo assente na ação e no princípio da criatividade e da responsabilidade individuais. O senso comum é prático e pragmático; reproduz-se colado às trajetórias e às experiências de vida de um dado grupo social e nessa correspondência se afirma fiável e securizante. O senso comum é transparente e evidente; desconfia da opacidade dos objetivos tecnológicos e do esoterismo do conhecimento que

os projeta em nome do princípio da igualdade do acesso ao discurso, à competência cognitiva e à competência lingüística. O senso comum é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas. O senso comum é indisciplinar e imetódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para o produzir; reproduz-se espontaneamente no suceder cotidiano da vida. O senso comum aceita o que existe tal como existe; privilegia a ação que não produza rupturas significativas no real. Por último, o senso comum é retórico e metafórico; não ensina, persuade (SANTOS, 1988, p. 70).

Observamos uma ruptura epistemológica fundamentada na origem de uma nova racionalidade com a integração das humanidades ao saber científico, aceitando o que existe tal como existe, privilegiando ações que não produzam rupturas no real. A partir desta breve fundamentação teórica em função do escopo deste trabalho, buscamos consolidar um arcabouço teórico para sustentar nossa discussão referente aos motivos pelos quais o paradigma dominante da ciência conduziu a uma depreciação da literatura como meio de conhecimento humano e de que forma as concepções epistemológicas da nova ordem científica reconhecem suas qualidades.

Discussão

Tendo em vista que a ciência pós-moderna é mais contemplativa que ativa, permitindo-nos um conhecimento que satisfaça questões pessoais - não apenas para sobreviver, mas como saber viver - , essa nova possibilidade interpretativa faria com que a literatura

assumisse um papel importante em nossas vidas. Pesquisas apresentadas por Todorov (2012), por meio de relatos, exibem evidências que confirmam esta afirmação. A partir da história de John Stuart Mill que sofria de depressão e encontra nas obras literárias respostas sobre os sentimentos do cotidiano e o rumo da humanidade, Mill relata em sua autobiografia que é nos versos dos poetas que encontra “a alegria interior, os prazeres da simpatia e da imaginação que todos os seres humanos podem compartilhar” (TODOROV, 2012, p. 73-74). Outra experiência mencionada pelo crítico, é a de uma detenta de Paris, que encontra nas narrativas a possibilidade de ordenar seus sentimentos e de compreender os acontecimentos de seu cotidiano.

Ao se questionar a respeito da importância da literatura como meio de transmitir e criar valores no mundo atual, qual seu lugar no espaço público, se ela é útil para a vida e por que ela deve fazer parte das nossas vidas, Compagnon (2009) não nos dá uma resposta pronta, entretanto, apresenta ao leitor, no curso da escrita de seu texto, que a literatura é imprescindível para a sobrevivência humana. Segundo ele,

Ela nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui, mas fica aberta como um ensaio de Montaigne, depois de nos ter feito ver, respirar ou tocar as incertezas e as indecisões, as complicações e os paradoxos que se escondem atrás das ações (...) (COMPAGNON, 2009, p. 66).

Para Zola (1982), a literatura contemporânea diz muito sobre o homem e a natureza, muito mais que obras de filosofia, história ou crítica. Exemplo disso são Montaigne, Racine, Baudelaire e Proust que não publicaram tratados científicos, mas que por meio de seus ensaios, tragédias, poemas e

romances ensinam muito, tratam do conhecimento erudito por meio da premissa literária. A literatura tem sido fonte de instrução no ocidente, como forma de construção de personalidade e sensibilização do homem. Para ele, é ela quem nos permite o acesso ao conhecimento moral, sem a necessidade da leitura de tratados filosóficos (COMPAGNON, 2009). Nesse sentido, Barthes ao refletir acerca da disciplina de literatura atesta que

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoe, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (...). A literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (...). A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas (BARTHES, 1979, p. 18-19).

Por meio dessas considerações verificamos os limites do paradigma hegemônico da ciência.

Sabemos hoje que a ciência moderna nos ensina pouco sobre a nossa maneira de estar no mundo e que esse pouco, por mais que se amplie, será sempre exíguo porque a exigüidade está inscrita na forma de conhecimento que ele constitui (SANTOS, 1988, p. 69).

De acordo com Santos (1998), a revolução científica não pode conceber apenas um paradigma científico, tem que ser também social pela própria revolução ocorrer na sociedade. Assim, podemos dizer que, enquanto o paradigma científico busca um conhecimento prudente, o paradigma social prioriza uma vida decente.

A restrição de formas de conhecimento, características da ordem científica hegemônica, é superada por meio do texto literário, da linguagem, que proporciona a possibilidade do sujeito tornar-se ativo de seu espaço, notar que o mundo a sua volta lhe pertence e que ele pode, sim, tornar-se construtor de sua própria história, um sujeito autônomo, capaz de crer ou não em valores já instituídos pela sociedade. A literatura “é de oposição: ela tem o poder de contestar a submissão ao poder” (COMPAGNON, 2009, p. 34). Evidências do predomínio desta ordem podemos observar quando, hoje, evidencia-se a grande dificuldade na retomada da literatura. Lê-se pouco no Brasil, não porque o livro é caro, mas porque não se acha importante. Para Machado (2001), não é possível ensinar alguém a gostar de literatura, pois se trata mais de contaminação que ensino. Esta propagação tem relação direta entre o paradigma hegemônico e as necessidades do capitalismo, que gerou transformações abruptas no ensino, em que ordem era com urgência e eficiência a escolarização do povo, principalmente de origem humilde. Com isso posto, a literatura permaneceu distante destes alfabetizados, pois não tinha um fim

determinado em si mesma (ZILBERMAN, 2000; MACHADO, 2011; PETIT, 2009).

Sendo que a leitura de uma obra nunca é definitiva, ela fala de todos e para todos (PAZ, 1990), a literatura tem o poder da linguagem, e pode fazer com que não nos deixemos enganar pela língua, tornando-nos mais inteligentes, ou como ele aponta “diferentemente inteligentes” (COMPAGNON, 2009, p. 49). Num mundo em que predomina uma epistemologia fundamentada na ordem científica hegemônica que opera com priorizando a rapidez das informações, não é fácil para que o sujeito perceba a importância da leitura de literatura. Para que ele possa construir saberes a partir do lido, é preciso perceber as diversas informações contidas no texto, mas isso só acontecerá se o leitor se apropriar do texto, pois não é possível que o outro experimente por ele (JOUVE, 2012; MACHADO, 2011).

Considerações finais

Sem fazer uso do método cartesiano, a literatura segue respondendo ao homem sobre o mundo. Com base nos autores que consultamos, evidenciamos que, no início do século XIX, havia uma disputa entre as ciências e as letras. A última acusava as ciências de ambição desmedida que, por sua vez, diziam que as letras invejavam seus progressos. Na disputa por notoriedade entre elas, as ciências se sobressaíram pelo prestígio superior no domínio das ciências naturais e exatas, enquanto as ciências humanas perdiam autoridade. Foi no século XVII que a ruptura entre ciência e filosofia dividiu as faculdades europeias em Faculdade de Ciências e Faculdade de Letras, ocasionando a abrupta separação entre ciências exatas e ciências humanas. No final do século XVIII, o iluminismo, acabou reforçando a separação dos saberes, mesmo

prevendo uma necessidade de diálogo entre eles (COMPAGNON, 2009).

Podemos dizer que a ciência predominante continua sendo marcada por uma visão pautada no racionalismo e empirismo, elevando o ser humano ao *status* de objeto, descartando a experiência subjetiva, a realidade interior e exterior do homem. Ao contrário, a ciência pós-moderna entende que nenhuma forma de conhecimento é mais importante que a outra, mas que somente a configuração de todas elas é racional. Sendo assim, devemos unificar as ciências exatas às humanidades, entre elas, a literatura.

A ciência moderna proporcionou meios para um conhecimento funcional que modifica consideravelmente a perspectiva de nossas vidas. Agora, cabe a nós, buscarmos meios e conhecimentos para uma vida mais contemplativa, um mundo que seja mais contemplado que controlado.

Referências

- BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- DEMO, P. **Complexidade e Aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- JOUVE, V. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.
- MACHADO, A. M. **Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura**. SP: Companhia das letras, 2011.
- _____. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- PAZ, O. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PRIGOGINE, I. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- SANTOS, A. **Teorias e métodos pedagógicos sob a ótica do pensamento complexo**. In: Didática sob a ótica do pensamento complexo. Sulina, Porto Alegre, 2005, p. 59-78.
- SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. In: **Estudos avançados**. Vol. 2. no. 2. São Paulo. Maio/Agosto, 1988, pp. 46-71
- _____. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- TODOROV, T. **Literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.
- ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora Senac, 2000.

Recebido em 2015-09-30
Publicado em 2016-04-15